

APRESENTAÇÃO DE LIVRO

Autora:

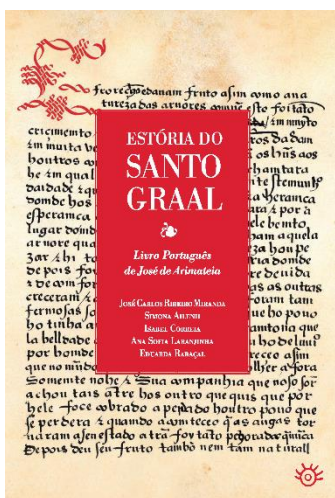
Rafaela Silva

Título:

José Carlos Ribeiro Miranda, Ana Sofia Laranjinha, Isabel Correia, Simona Ailenii e Eduarda Rabaçal, *Estória do Santo Graal (Livro Português de José de Arimateia). Edição do texto contido no ms. 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, Porto, Estratégias Criativas, 2016 (XXVI+391 p.; ISBN: 978-989-8459-28-2).

Como citar esta apresentação:

Rafaela Silva, “*Apresentação do livro José Carlos Ribeiro Miranda, Ana Sofia Laranjinha, Isabel Correia, Simona Ailenii e Eduarda Rabaçal, Estória do Santo Graal (Livro Português de José de Arimateia). Edição do texto contido no ms. 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, Porto, Estratégias Criativas, 2016 (XXVI+391 p.; ISBN: 978-989-8459-28-2)”, in *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 1, 2016, pp. 165-169. DOI: 10.21747/21839301/gua1ap2



JOSÉ CARLOS RIBEIRO MIRANDA, ANA SOFIA LARANJINHA, ISABEL CORREIA, SIMONA AILENII E EDUARDA RABAÇAL, ESTÓRIA DO SANTO GRAAL (LIVRO PORTUGUÊS DE JOSÉ DE ARIMATEIA). EDIÇÃO DO TEXTO CONTIDO NO MS. 643 DO ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, PORTO, ESTRATÉGIAS CRIATIVAS, 2016 (XXVI+391 P.; ISBN: 978-989-8459-28-2).

[o romance e o manuscrito]

A obra que agora se edita tem uma infeliz história no panorama da cultura literária em Portugal. Identificada em finais do século XIX no manuscrito 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, o anúncio da sua iminente edição teve lugar muito cedo, mas a concretização desse propósito arrastou-se penosamente durante mais de um século. A meio deste percurso, o professor americano Henry Hare Carter (*The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*, Chapel Hill, 1967) deu à estampa uma «paleographical edition» do texto contido no manuscrito, que foi valendo como meio de acesso ao seu conteúdo para as mais recentes gerações de investigadores. Conquanto desenvolvesse abreviaturas e ocasionalmente procedesse até a leituras conjecturais, a transcrição efectuada não tinha intuítos editoriais, o que significa que se absteve de solucionar os inúmeros obstáculos literais encontrados num manuscrito paleograficamente muito difícil. Assim, tal transcrição permaneceu impenetrável para a maioria do público não especializado, impedindo o texto de ultrapassar o estatuto de inédito em que se encontrava.

A edição que se põe à disposição da comunidade científica, e do público em geral, assenta em pressupostos de legibilidade que visam permitir o conhecimento de um texto antigo por parte do leitor contemporâneo, exactamente nos mesmos termos em que é legítimo colocar à disposição do olhar e da atenção do público actual qualquer monumento histórico originado no labor cultural dos seus antepassados. Tal intuito pressupõe que se esclareçam previamente as condições de existência e de preservação do texto, e também os procedimentos utilizados para concretizar esse propósito.

A *Estória do Santo Graal*, que a tradição posterior, como veremos adiante, veio a conhecer como «Livro de José de Arimateia», resulta da tradução – realizada, com toda a probabilidade, no último quartel do século XIII – de um texto francês designado *Estoire del Saint Graal*. De acordo com a estruturação do campo literário da época, este «romance» não tinha uma existência autónoma, antes era parte de uma totalidade ampla, actualmente designada «ciclo», constituída por um conjunto de romances cujo ponto de partida se encontra no *Livre de Lancelot*. Este ciclo é correntemente designado «Lancelot-Graal», embora se deva advertir que a sua composição sofreu, num lapso temporal muito curto (entre as décadas de 1220 e 1230), alterações e recomposições cuja identificação nem sempre gera consenso¹. Em todo o caso, o texto agora editado apresenta-se como uma introdução – ou um «pórtico», como também foi já designado – do referido ciclo, cujo objectivo é relatar os antecedentes de uma narrativa muito vasta onde virão a emergir, entre outros, o rei Artur e a Távola Redonda; Lancelot e o seu caso amoroso com a rainha Guenièvre; Galaaz, o filho redentor deste cavaleiro; e que relatará, finalmente, a queda desse imaginado mundo, enredado nas insolúveis contradições que a «estória» vai tecendo.

[tradução da obra]

É convicção generalizada na comunidade que se dedica ao estudo destas matérias que a tradução do romance para galego-português não ocorreu isoladamente, mas sim no seio de um processo que levou à passagem para língua ibérica de um conjunto apreciável de romances de matéria arturiana, dos quais subsistem ainda textos integrais, como a *Demanda do Santo Graal* (ou *Livre de Galaaz*); textos parciais, como o *Baladro del Sabio Merlin* ou o *Lançarote de Lago*; e simples fragmentos, como ocorre com o *Livre de Tristan*.

A tradução da obra é, no texto manuscrito da Torre do Tombo, atribuída a Joam Vivas, provavelmente a mesma personalidade do tempo de Afonso III de Portugal que é mencionada nas edições castelhanas de 1515 e 1535 da *Demanda del Santo Grial*, o que sugere que a tradução destes dois romances se realizou em Portugal e para galego-português. No entanto, estudos recentes² levam a aconselhar prudência na compreensão das cronologias, ritmos, intervenientes e línguas envolvidas no processo de tradução deste extenso manancial romanesco do francês medieval para línguas

¹ Para um recente ponto da situação sobre este tema, ver Carol ChaseE, «La fabrication du Cycle du Lancelot-Graal», *Bibliographical Bulletin of the International Arthurian Society*, vol. LXI (2009), pp. 261-278.

² Cf. Isabel Correia / José Carlos Ribeiro Miranda, «Os fragmentos A19 da BGUC e a tradição textual do Lancelot» (c/ Isabel Correia), in M. R. Ferreira / A. S. Laranjinha / J. C. R. Miranda (eds), *Seminário Medieval 2009-2011*, Porto, Estratégias Criativas, 2011, pp. 13-46. URL: ([http://ifilosofia.up.pt/proj/admins/smelps/docs/2%20Correia%20Miranda%20BGUC%20\(pp.%2013-48\).pdf](http://ifilosofia.up.pt/proj/admins/smelps/docs/2%20Correia%20Miranda%20BGUC%20(pp.%2013-48).pdf)); Simona Ailenii, *Os primeiros testemunhos da tradução galego-portuguesa do romance arturiano*, Porto, Universidade do Porto, 2013 (dissertação policopiada); Isabel Correia, *Do Lancelot ao Lançarote de Lago: Tradição Textual e Difusão ibérica do ms. 9611 BNM*, Porto, Estratégias Criativas, 2013.

ibéricas, evitando apriorismos que em nada ajudam a compreender a complexidade desta literatura. Nomeadamente, não é de excluir, por princípio, a existência de mais do que uma iniciativa de tradução destes romances e de um percurso de difusão mais variado do que o até aqui previsível.

Apesar disso, é certo que um fragmento em pergaminho dado a conhecer nos últimos anos, contendo um pequeno trecho desta obra³, confirma que a tradução existiria já certamente nos finais do século XIII e que a sua difusão no espaço português terá sido mais ampla do que se pensava. A tradução do romance terá ainda circulado na Galiza e em ambiente castelhano antes do final do século XV, altura em que uma pequena porção do texto – equivalente a cerca de 20 dos 313 fólhos que compõem o nosso manuscrito – é copiada para o códice miscelâneo 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca. A partir desse momento, desconhece-se qualquer testemunho da obra no centro da Península, embora persistam ainda, ao longo do século XVI castelhano, algumas referências à sua existência. A cópia preservada na Torre do Tombo vem, no final deste percurso, transmitir à posteridade um texto que, como tantos outros oriundos da Idade Média ibérica, correu sérios riscos de se perder irremediavelmente.

[designação da obra]

Conhecido actualmente como «Livro de José de Arimateia», ou «Livro Português de José de Arimateia», o nosso texto não autoriza tal designação em nenhum ponto que remeta para a tradução medieval ou para o original francês, sendo apenas atestada no prólogo redigido por Manuel Alvarez, um acrescento ao original da tradução que decidimos manter na nossa edição pelas razões de estratégia editorial que definiremos adiante. Na tradição manuscrita francesa, a obra é inequivocamente designada «*Estoire del Saint Graal*», e no nosso texto (excluindo o prólogo de Manuel Alvarez) a designação é substancialmente idêntica: «*tam alta estoria como a do Greal*» (fol. 2r); «*estoria mui alta do Samto Greal*» (fol. 124v); «*Estorea do Samto Greal*» (fol. 293r); «*Estorea do Greal*» (fol. 301v).

Embora na obra a expressão «*Estoria do Santo Graal*» também possa ser ocasionalmente usada para identificar uma textualidade mais vasta, que provavelmente se estenderia até ao romance conhecido por «*Demanda do Santo Graal*» – como sucede em «*como a Estoria do Samto Greal volo devisará*» (fol. 256r) –, é facto incontroverso que o texto oriundo da tradução medieval desconhece por completo a designação «*Livro de José de Arimateia*», que muito provavelmente se insinuou na recepção ibérica da

³ Cf. Aida Fernanda Dias, «A matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo», *Revista Portuguesa de Filologia, Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, Coimbra (2007), vol. XXV, Tomo I, pp. 145-221; Simona Ailenii, «O arquétipo da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal* à luz de um testemunho recente», in M. R. Ferreira/A. S. Laranjinha/J. C. R. Miranda (eds), *Seminário Medieval 2009-2011*, Porto, Estratégias Criativas, pp. 129-156 (http://ifilosofia.up.pt/proj/admins/smelps/docs/8.Simona,%20Estoire%20_pp.%20129-156_.pdf)

obra no século XV. Deste modo, cremos que é acertado respeitar a designação inicial do romance, o que contribuirá também para um melhor entendimento do seu conteúdo e da respectiva inserção no conjunto cíclico ao qual pertence.

[edição do texto: episódio do cavaleiro branco]

(...)

El rei Evalac, depois *que* premdeo os *que* com Tolomer vinham com todos os *que* o Passo guardavam, afora cem cavaleiros *que* nele leixou, se foi às batalhas omde Sarafes amdava, omde vio o cavaleiro bramco com um pemdam e ãua lamça, e vio *que* sete cavaleiros tratavam mui mal a Sarafes com outra gemte, e tinham lhe o cavalo *por* o freio, damdo lhe mui grandes golpes *por* cima da loriga, trabalhamdo *por* o chegar a morte. Emtão o cavaleiro bramco foi ferir no primeiro *que* alcança, lhe meteo *por* o coração e quebrou a lamça, e pos mão à espada e, de ãu golpe, cortou a outro a cabeça e a outro talhou *por* o meio. E os outros, quando isto viram, o leixaram e se foram *por* outra parte da batalha, e Sarafes ficou mui quebramto e fraco do muito sangue *que* perdera, e caio no chão. Quando el rei Evalac o asi vio cair, deu ãua grande vooz, dizemdo: «De oje mais sam comfomdido!». E com o gram pesar *que* ouve, esmereceo, e caíra do cavalo se o bramco cavaleiro [62v] o nom tivera. E quando Evalac tornou em si, vio *que* Sarafes se levamtava, mas mui fraco. Emtão el rei se foi a ãu cavaleiro e derribou do cavalo a terra, e tomou o cavalo, e trouxe o a Sarafes, e dise lhe: «Amigo meu, tomade este cavalo!». Quando Sarafes vio el rei, com prazer todo trabalho passado esqueceo e cavalgou no cavalo *que* lhe el rei deu, e dise: «Se tivera a minha acha nom á cousa *porque* deixasse de emtrar nas batalhas». E depois *que* isto disse, respondeo o cavaleiro bramco: «Sarafes, toma esta acha *que* Jhesuu Cristo te mamda!». E Sarafes a tomou e era melhor *que* a sua. E emtão se foram todos à batalha.

(...)

Este livro - [Estória do Santo Graal \(Livro Português de José de Arimateia\). Edição do texto contido no ms. 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo](#) - foi publicado e financiado no contexto das actividades do projecto «Inventário Arturiano do Ocidente Ibérico Medieval» (R&D Project «Western Iberian Medieval Arthurian Inventory» PTDC/CLE-LLI/108433/2008).

Rafaela Silva